

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME L • 2011

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CONIMBRIGA

Revista de Arqueologia | Publicação anual

Todos os artigos são submetidos à avaliação por pares (*peer review*)

DIRECTORA

RAQUEL VILAÇA

SECRETÁRIO

JOSÉ LUÍS MADEIRA

CONSELHO DE REDACÇÃO

DOMINGOS DE JESUS DA CRUZ

HELENA GOMES CATARINO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

MARIA CONCEIÇÃO LOPES

PEDRO C. CARVALHO

VASCO GIL MANTAS

CONSELHO CIENTÍFICO

ALAIN TRANOY (Université de Poitiers)

ANA MARGARIDA ARRUDA (Universidade de Lisboa)

GERMÁN DELIBES DE CASTRO (Universidad de Valladolid)

JAVIER SÁNCHEZ-PALENCIA (CSIC- Madrid)

JORGE DE ALARCÃO (Universidade de Coimbra)

LUÍS RAPOSO (Museu Nacional de Arqueologia)

MANUEL MARTÍN-BUENO (Universidad de Zaragoza)

MARTÍN ALMAGRO-GORBEA (Universidad Complutense de Madrid)

MÁRIO BARROCA (Universidade do Porto)

TRINIDAD NOGALES BASARRATE (Museo Nacional de Arte Romano)

DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM

JOSÉ LUÍS MADEIRA

SECRETARIADO ADMINISTRATIVO

EUNICE DIONÍSIO

IMPRESSÃO: Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

ISSN: 0084-9189

DEPÓSITO LEGAL: 93223/95

ANO 2014

Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para recensão, pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida a:

DIRECTORA da CONIMBRIGA | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | PALÁCIO DE SUB-RIPAS
3000 – 395 COIMBRA | PORTUGAL
conimbriga.revista@uc.pt

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.
Sollecitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehr erwünscht.*

ANA MARGARIDA ARRUDA

ELISA SOUSA

CARLOS PEREIRA

PEDRO LOURENÇO

UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

MONTE MOLIÃO: UM SÍTIO PÚNICO-GADITANO NO ALGARVE (PORTUGAL)

MONTE MOLIÃO: A PUNIC-GADITANIAN SITE IN ALGARVE (PORTUGAL)

“Conimbriga” L (2011) p. 5-32

RESUMO: Monte Molião, localizado na costa ocidental do Algarve (Portugal), foi ocupado entre o último quartel do século IV a.n.e. e o século II. Da sua ocupação pré-romana existem dados sobre a arquitectura e técnicas construtivas, bem como abundantes materiais arqueológicos. Relativamente aos primeiros, destaca-se um urbanismo ortogonal, estruturado em torno de arruamentos e áreas abertas, mas também uma muito particular técnica de construção, consubstanciada no afeiçoamento e corte do substrato rochoso para implantar os alicerces das habitações e obter a base dos pavimentos. O conjunto artefactual cerâmico é composto por ânforas, cerâmica de mesa (grega e de tipo Kuass) e de uso comum, esta última produzida quer a torno quer à mão. Em todos os grupos, à excepção, como é óbvio, da cerâmica grega e da manual, as produções da Andaluzia meridional são maioritárias, o que evidencia uma profunda ligação à área gaditana, situação que tem paralelos em outros sítios do Algarve litoral, e que parece demonstrar a grande vitalidade e preponderância que a antiga colónia fenícia assume nos momentos finais da Idade do Ferro.

PALAVRAS-CHAVE: Monte Molião, Idade do Ferro, ânforas, cerâmica grega, cerâmica de Kuass

ABSTRACT: Monte Molião, in Algarve's Western coast, was occupied between the 4th century B.C.E. and the 2nd century AD. From the pre-Roman occupation, there are data concerning the architecture and construction techniques, as well as abundant archeological materials. The architecture plan develops around open spaces, in an orthogonal urbanism. The construction techniques are primarily characterized by the sculpting of the bedrock for the implantation of the buildings foundations. The pavements were also sculpted in the bedrock. The ceramic assemblage is composed by *amphorae*, table ware (Greek and Kuass), common and handmade pottery. In all of these categories, except for the Greek pottery and the handmade pottery, the productions from the south of Andaluzia are overwhelming, which shows a deep connection with the Cádiz area, situation that has already observed in other archeological sites in the Algarve coast. This seems to show the great vitality and preponderance that the ancient Phoenician colony assumes in the late phase of the Iron Age.

KEYWORDS: Monte Molião, Iron Age, amphorae, Greek pottery, Kuass pottery

MONTE MOLILÃO: UM SÍTIO PÚNICO-GADITANO NO ALGARVE (PORTUGAL)

1. O sítio arqueológico

1.1. Localização e enquadramento

Monte Molião, localizado nas imediações da actual cidade de Lagos (Algarve, Portugal), na margem esquerda da Ribeira de Bensafrim, está implantado numa colina de forma elipsoidal, com cerca de 30 m de altitude. O sítio está bem destacado na paisagem, dominando visualmente a baía de Lagos e, para poente, toda a planície que limita a ribeira de Bensafrim (Fig. 1 e 2).

De acordo com os estudos geológicos efectuados (Pereira, *et al.*, 1994), durante o primeiro milénio a.n.e., esta colina seria uma pequena península. O estuário da Ribeira de Bensafrim, já fechado por um cordão dunar formado anos antes, era, então, consideravelmente mais largo e a água rodeava, quase por completo, o Monte Molião (Fig. 3).

Administrativamente, pertence ao distrito de Faro, concelho de Lagos, freguesia de São Sebastião, e encontra-se nas seguintes coordenadas geográficas da CMP 1:25000, n.602: Longitude N: 37° 06' 48" Latitude W: 08° 40' 21"

1.2. Os trabalhos arqueológicos

O sítio é conhecido desde finais do século XIX, não só devido à quantidade e qualidade de materiais que a necrópole romana localizada nas proximidades ofereceu, como também pela possibilidade de corresponder à antiga *Laccobriga* referida por alguns autores clássicos, concretamente

Pompónio Mela e Plutarco (Arruda, 2007). Mas permaneceu quase intacto até à actualidade, apesar de algumas destruições, ocorridas nos anos 80 e nos finais dos 90 do século XX, terem implicado perda considerável de informação. Estácio da Veiga, no final do século XIX, limitou-se ao esvaziamento de uma cisterna, e Santos Rocha, em 1906 e 1908, investiu apenas na necrópole romana, localizada a escassos metros a Este (Rocha, 1906; Arruda, Sousa e Lourenço, 2010). A reduzida dimensão da escavação de salvamento concretizada por Susana Estrela, cerca de 14 m², não trouxe também grandes dados sobre a ocupação humana do sítio (Estrela, 1999). Outros trabalhos efectuados no quadro da arqueologia de salvamento foram ainda realizados na periferia do sítio, tendo revelado, sobretudo, dados relativos à ocupação romana (Sousa e Serra, 2006; Bargão, 2008).

A partir de 2006, a colaboração entre a Câmara Municipal de Lagos e o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) permitiu a realização de cinco campanhas de trabalhos de campo (2006-2009, 2011), tendo sido escavada uma extensa área, 527 m², dispersa por três sectores (Fig. 4). Avaliar a cronologia da ocupação do sítio, determinar o estado de conservação das estruturas e perceber a extensão da área habitada eram os objectivos que norteavam o projecto para Monte Molião e que determinaram também a estratégia da intervenção no terreno, concretamente o facto de termos optado por diversificar as áreas de escavação.

Foi no contexto deste projecto de investigação que foi possível documentar, pela primeira vez estratigraficamente, a ocupação pré-romana do sítio. As três áreas intervencionadas, no topo do cabeço, na vertente Sudoeste e a Este, revelaram a presença de níveis e estruturas arqueológicas de cronologia sidérica, o que forneceu contornos consideravelmente mais nítidos aos dados que as intervenções de emergência levadas a efeito no sopé da colina tinham já proporcionado (Bargão, 2008).

Mas ainda que este trabalho diga respeito às estruturas e aos materiais da Idade do Ferro de Monte Molião, parece importante, nesta breve introdução, referir ainda que os trabalhos arqueológicos desenvolvidos revelaram, também, importantes dados sobre a época romana, quer imperial quer republicana (Arruda, 2007, Arruda, Sousa e Lourenço, 2008, *Idem*, 2010; Arruda, Viegas e Bargão, 2010; Arruda e Pereira, 2010; Arruda, Sousa e Lourenço, 2010; Arruda e Sousa, 2012). Esses dados, associados a estes que aqui se apresentam, permitem uma leitura diacrónica de um sítio que pode ser associado a um dos topónimos

que Pompónio Mela registou nas imediações do Promotório *Sacrum* (III, 1, 7) e que Plutarco mencionou quando descreveu a ajuda prestada por Sertório a *Laccobriga*, na sequência de um ataque de Metelo a este *oppidum* (Sertorius, 13). Com efeito, a dimensão dos dados referentes à época tardo republicana permitem a identificação e os da Idade do Ferro tornam-se também fundamentais para o debate.

2. A ocupação da Idade do Ferro

2.1. Arquitectura e técnicas construtivas

No seu conjunto, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos em Monte Molião revelaram a presença de um povoado sidérico de dimensões consideráveis, existindo indícios que permitem supor que toda a colina estava ocupada durante a Idade do Ferro.

No Sector C, localizado na vertente sudoeste, foram escavados 208m², 80 dos quais proporcionaram níveis e estruturas de cronologia pré-romana. Tudo indica, contudo, que a totalidade da área terá suportado também vestígios dessa mesma ocupação, que foram destruídos por edificações romanas, quer republicanas quer imperiais. Neste sector, foi possível identificar a existência de, pelo menos, três compartimentos de dimensões consideráveis, os quais poderão corresponder a dois conjuntos edificadas independentes, separados por um arruamento (Fig. 5).

Os pisos de ocupação foram, na generalidade dos casos, construídos mediante o afeiçoamento do próprio substrato rochoso, colmatando-se as falhas e depressões com estratos de aterro e placas de calcário triturado, que serviram como pavimento (Fig. 6). O compartimento 13 é o melhor exemplo desta técnica construtiva, onde se pode verificar que o estrato de utilização correspondia não só ao afloramento talhado, mas também ao pavimento de calcário triturado. Este compartimento foi o que permitiu uma leitura mais clara da organização do espaço doméstico. No seu interior, foram detectadas duas estruturas negativas de formato arredondado que, num momento inicial, podem ter sido utilizadas como silos de armazenamento (Fig. 7). Num momento posterior, uma destas estruturas foi inutilizada e colmatada com calcário triturado, enquanto a outra serviu como lixeira e, posteriormente, como área de combustão. Num último momento de

utilização do espaço, a área da lareira foi inutilizada e coberta pelas cinzas de uma outra que, entretanto, foi construída na área sul do mesmo compartimento (Fig. 8).

Apesar destas evidências, alguns dados permitem afirmar que a área de arruamento foi posteriormente aterrada, sendo esse nível utilizado como solo de ocupação. Esta área separa os dois espaços edificados, documentando-se, no primeiro momento de ocupação, a presença de um possível alpendre, identificado pela detecção de dois buracos de poste associados a uma escada (Fig. 5). No entanto, desconhecemos a qual dos núcleos habitacionais este alpendre daria aceso.

Deve ainda referir-se a identificação de uma fossa que se integra, estratigraficamente, na fase inicial da ocupação do sítio, cujo enchimento proporcionou um conjunto de materiais composto por um jarro de perfil completo e dois fragmentos de bordos de potes / painéis, todos de produção local / regional, um fragmento de asa de produção gaditana, um cabo de instrumento constituído por uma haste de cervídeo, e ainda vários fragmentos de ferro e madeira que, no seu conjunto, correspondem provavelmente a elementos de um único *dyphros*. A interpretação deste contexto arqueológico, atendendo não só aos materiais recuperados, mas também à sua associação aos momentos iniciais da ocupação do sítio, poderá relacionar-se com um depósito votivo / fundacional (Fig. 10).

No Sector B, localizado no topo do cerro, foi escavada uma área total de 36 m², onde também se detectaram estratos e estruturas coevas às descritas anteriormente. Ainda que a potência estratigráfica nesse local seja consideravelmente menor, e, em algumas áreas, quase inexistente, foi possível observar o emprego das mesmas técnicas construtivas (Fig. 9).

Após a decapagem das unidades superficiais, identificaram-se algumas zonas que correspondiam a áreas interiores de núcleos habitacionais com lareiras estruturadas de cronologia sidérica.

Tal como se constatou no sector C, também aqui as populações que ocuparam este espaço talharam o afloramento, escavando áreas consideráveis de forma a encaixar os compartimentos.

A aplicação desta técnica construtiva, que podemos apelidar de arquitectura rupestre, é relativamente inédita nos conjuntos urbanísticos de cronologia pré-romana. O seu uso no sítio algarvio deve, em nosso entender, relacionar-se com o facto de o afloramento ser constituído por calcário dolomítico, que é fácil de talhar e nivelar.

Por este motivo, é característica inerente à ocupação sidérica do sítio a abertura de depressões de formato rectangular ou quadrangular, que definem o interior dos compartimentos. Aos limites das referidas depressões adossaram-se então as paredes que definem as plantas das habitações.

O constante trabalhar do afloramento rochoso parece caracterizar, ao nível da arquitectura e das técnicas construtivas, a ocupação pré-romana deste sítio.

Finalmente, o Sector A, localizado na vertente Este, permitiu também a identificação de vestígios de uma ocupação pré-romana, que, infelizmente, se traduz mais na presença de estratos do que na definição de estruturas. Com efeito, a presença, muito significativa de construções romanas de época imperial (flávias e antoninas), particularmente bem conservadas, impediu a escavação em profundidade na maior parte da área, não tendo sido possível compreender a organização do espaço e a arquitectura da Idade do Ferro, bem como, aliás também, dos momentos republicanos. Apenas no interior do compartimento 2, e numa área de cerca de 24 m², os trabalhos prosseguiram até à rocha, sobre a qual se identificaram sedimentos que continham espólios pré-romanos.

Os níveis sidéricos escavados não se encontram claramente associados a muros que permitam uma clara compreensão da arquitectura nesta zona. A única estrutura pré-romana identificada não possibilita, pelas suas dimensões e mau estado de conservação, leituras sobre o urbanismo desta área concreta.

Pode, contudo, afirmar-se que, na área escavada, não se verificou evidência do afeiçoamento do substrato rochoso.

2.2. Os materiais

A análise dos materiais cerâmicos permitiu datar o início da ocupação deste povoado em torno às últimas décadas do século IV a.n.e., proposta sustentada pela presença, nos primeiros níveis de ocupação, de cerâmica de tipo Kuass, cuja produção só se iniciou a partir do último quartel dessa centúria (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003).

Dos contextos da Idade do Ferro, exumou-se um conjunto considerável de espólios, distribuídos por cerâmica comum, ânforas, cerâmica de tipo Kuass, cerâmica manual, e outros artefactos (metais, contas de colar e líticos, entre outros) (Fig. 11).

2.2.1. As ânforas

No Monte Molião, as ânforas correspondem a 3% do conjunto analisado. Os tipos presentes integram-se nas formas 8.1.1.2, 8.2.1.1, 12.1.1.1/2, de Ramon Torres, e ainda nos grupos D e B/C da tipologia de Pellicer (1978, 1982) (Fig. 12).

A análise macroscópica das suas pastas permitiu a identificação de pelo menos três grupos distintos, correspondendo um deles às produções da área da baía de Cádiz, outro às da Campiña gaditana e um último, que pode ser integrado no grupo denominado de «Extremo Occidente Indeterminado», de Ramon Torres (1995, p. 257).

As produções atribuíveis à área da baía de Cádiz encontram-se bem representadas no sítio, correspondendo a contentores do tipo 12.1.1.1/2 e 8.2.1.1. de Ramon Torres e do tipo D de Pellicer, aos quais tem sido, sistematicamente, atribuído um conteúdo piscícola. Outro grupo de produções também bem caracterizado neste conjunto corresponde às ânforas fabricadas na área da campiña gaditana, que, em Monte Molião, chegam a atingir um terço dos recipientes anfóricos. Este grupo de fabrico traduz-se na presença exclusiva de contentores do tipo Tiñosa (8.1.1.2. de Ramon Torres), para os quais um conteúdo oleícola foi atestado, através da realização de análises químicas (Carretero Poblete, 2003-2004). No grupo do «Extremo Occidente Indeterminado», integram-se ânforas do tipo B/C e D de Pellicer.

2.2.2. A cerâmica de tipo Kuass

A cerâmica de tipo Kuass corresponde, essencialmente, ao serviço de mesa utilizado durante os momentos finais da Idade do Ferro.

No Monte Molião, esta categoria cerâmica corresponde a 8% do conjunto, estando representada morfológicamente por pratos da forma II e por taças da forma IX-A de Niveau de Villedary y Mariñas (2003). Outros tipos documentados, embora menos frequentes, são as páteras da forma IX-B, as pequenas taças da forma IX-C e os vasos da forma VIII (Fig. 13).

Ao nível dos fabricos, foi possível distinguir, através da análise macroscópica, quatro grupos distintos, parecendo que três deles são provenientes da área de Cádiz (I, II e III), um dos quais (III) tem, seguramente, origem na área da baía. As abundantes quantidades de calcites presentes num quarto grupo permitem equacionar a

possibilidade de se tratar de uma produção norte africana, uma vez que esta é, justamente, uma das principais características dos fabricos dessa área (Kbiri Aloui, 2007). No entanto, a recente identificação de uma área de produção na zona do Guadalquivir (Moreno Mégias *et al.*, no prelo), permite encarar agora a possibilidade de uma origem também peninsular.

2.2.3. *A cerâmica comum*

Como é habitual, a cerâmica comum é a categoria mais expressiva nos conjuntos analisados. Representa mais de 75% do conjunto recolhido nos níveis pré-romanos. A análise macroscópica dos recipientes de cerâmica comum permitiu distinguir dois grandes grupos de fabrico distintos (Fig. 14).

O primeiro, designado de grupo 1, parece corresponder a produções locais, com pastas mal depuradas e mediantemente compactas, cujas tonalidades variam entre o laranja avermelhado ou acastanhado e o vermelho.

O grupo 2, maioritário, corresponde a produções que consideramos originárias da área da baía de Cádiz. As pastas são porosas, relativamente bem depuradas, de tonalidades que variam entre o bege amarelado e o alaranjado. Este grupo de fabrico apresenta fortes semelhanças com o grupo estabelecido para os contentores anfóricos com a mesma proveniência.

Em Monte Molião, foi ainda possível identificar um alguidar de cerâmica comum com pasta de características semelhantes às das ânforas produzidas na campiña gaditana, pelo que a proposta de uma mesma origem é plausível.

Ao analisar a distribuição dos grupos de fabrico identificados, foi possível verificar uma esmagadora presença de exemplares provenientes da área da baía de Cádiz que ultrapassa dois terços do conjunto de cerâmica comum (78%). As produções locais compõem o restante conjunto (15%). Um único exemplar, que corresponde a 1%, é proveniente da Campiña Gaditana.

Morfológicamente (Fig. 15), as formas mais bem representadas correspondem a tigelas de perfil hemisférico, que podem integrar-se no tipo GDR 1.2.1 e 1.2.3 da tipologia de Sáez Romero (2008). Recipientes integráveis na categoria de potes/panelas também são quantitativamente expressivos, correspondendo alguns dos exemplares ao tipo GDR 12.2.1.

Ambos os tipos formais se documentam em produções quer gaditanas quer de origem local ou regional, sendo, contudo, as primeiras maioritárias.

Pequenas taças enquadáveis no tipo GDR 1.1.2, taças carenadas do tipo GDR 2.1.1 e 2.1.2, almofarizes do tipo GDR 3.1.1, tigelas/almofarizes do tipo GDR 3.2.2, bacias/alguidares do tipo GDR 4.1.1, pratos do tipo GDR 5.1.1, vasos do tipo GDR 8.1.1 e jarros do tipo GDR 10.1.1.1. foram também recuperados, sendo a maioria proveniente da área da baía de Cádiz.

A grande maioria das formas de Monte Molião enquadra-se na tipologia proposta por Sáez Romero (2005 e 2008). Existem, contudo, outros tipos que não encontram paralelos nessa tipologia. É o caso, por exemplo, de alguns pratos e de pequenos potes pintados em bandas que poderiam integrar-se nas tipologias ditas “turdetanas”.

Por fim, há a registar um jarro de perfil completo, cujas características da pasta são compatíveis com uma origem local ou regional. Este vaso apresenta um bordo esvertido, a partir do qual se desenvolve um colo alto e cilíndrico, seguindo-se um corpo tendencialmente globular, terminando num fundo convexo. Apresenta uma única asa, de secção ovalada, com um sulco na sua parte externa. Trata-se de uma forma que se distancia consideravelmente dos jarros conhecidos na área da Baía de Cádiz (Sáez Romero, 2008), particularmente ao nível da amplitude do bordo, colo e corpo da peça, permitindo antever alguma originalidade morfológica em termos das produções de âmbito local/regional.

2.2.4. A cerâmica pintada

Muitos vasos com formas e pastas idênticas às representadas no conjunto da cerâmica comum apresentam bandas pintadas, vermelhas, brancas e negras. Falamos concretamente das bandas na superfície interna das tigelas, junto ao bordo, nas superfícies externa e interna dos alguidares, sobre o bordo, colo e corpo dos potes. Também nas tigelas/almofarizes, nos pratos de peixe, nos jarros e em potes/panelas a presença de pintura não é infrequente (Fig. 16).

2.2.5. A cerâmica manual

No Monte Molião, a cerâmica manual é bastante expressiva, correspondendo a 7,9% do espólio. As formas mais representadas são potes/panelas e tigelas/taças.

Mas, em nosso entender, a presença deste tipo de recipientes não deve ser encarada como um sinal de indigenismo das populações que habitaram no sítio nos finais da Idade do Ferro, uma vez que, as produções locais evidenciam já uma constante utilização do torno. O uso de cerâmica manual, atendendo ao seu peso percentual na amostra estudada e às formas representadas, pode interpretar-se, preferencialmente, em termos funcionais. De facto, é frequente estes recipientes surgirem com vestígios de exposição ao fogo, o que indicia que a sua utilização principal, se não mesmo exclusiva, foi a da preparação de alimentos na cozinha (Fig. 17). A fraca depuração das pastas destes vasos, tal como ocorre, ainda que em menor grau, com a cerâmica a torno de produção local, poderá propiciar a sua utilização ao fogo, função que dificilmente podia ser desempenhada pelos recipientes importados, dadas as suas características petrográficas.

2.2.6. A cerâmica grega

As escavações efectuadas em Monte Molião ofereceram onze fragmentos de cerâmica grega. Destes, cinco permitiram uma aproximação formal. Um corresponde a um *Lagynos*, outro a um *Kantharos* e outro ainda a um *Skyphos*. Dois fundos estão decorados com palmetas impressas, podendo um deles ter pertencido a um bolsal, e o outro a uma pátera da forma 21/22 de Lamboglia (1952) (Fig. 18).

A cerâmica grega do Monte Molião é maioritariamente de verniz negro, ainda que o bordo de *Skyphos* e uma parede de um vaso que não foi possível classificar sejam de figuras vermelhas. O *Lagynos* evidencia a aplicação de sobre-pintura a branco.

Um dos fragmentos morfologicamente inclassificável apresenta ainda uma inscrição em caracteres gregos incisos num momento posterior à cozedura (Fig. 19).

Estes elementos poderiam fazer recuar a fundação do Monte Molião para um momento anterior ao proposto, talvez em torno a meados do séc. IV a.n.e. Contudo, deve referir-se que os primeiros níveis de ocupação do sítio, depositados directamente sobre o substrato rochoso, contêm já fragmentos de cerâmica de tipo Kuass. A produção desta cerâmica encontra-se, de acordo com os dados obtidos até ao momento, documentada apenas a partir do último quartel do séc. IV a.n.e., elemento que indica o *terminus post quem* para a formação desses depósitos arqueológicos.

Por outro lado, as cerâmicas gregas recolhidas no sítio podem não ser completamente incompatíveis com a cronologia proposta. De facto, se é verdade que as importações gregas para a Península Ibérica entram num evidente declínio a partir de 350 a.n.e., também é certo que elas podem atingir o último quartel do século IV, como é o caso, por exemplo, de Carteia (Bendala Gálan *et al.*, 1994) e do Castillo de Doña Blanca (Niveau de Villedary y Mariñas, 2000), sítios onde também convivem com a cerâmica de tipo Kuass. Aliás, as características da cerâmica grega de Monte Molião não são incompatíveis com uma cronologia da segunda metade do século IV. A existência de cerâmica grega sobre pintada e as formas que pudemos identificar, como o *Kantharos* e o possível *Lagynos* (*Gutus type of Askos*), falam nesse sentido.

2.2.7. Os metais

Os metais são escassíssimos nos níveis correspondentes à ocupação da Idade do Ferro de Monte Molião. Apenas na fossa identificada no Sector C, e que foi interpretada como um depósito ritual fundacional, se identificaram vários ferros, muitos dos quais unidos entre si pela corrosão. A dimensão e as características formais de alguns dos fragmentos indicam que se trata não de artefactos propriamente ditos, mas de peças que fariam parte de um móvel, em princípio articulado. Falamos, neste caso concreto de algumas placas, dobradas ou não, em certos casos ainda com os grampos colocados, e de um eixo rematado nas suas extremidades por pequenas placas circulares (Fig. 9). Atendendo aos paralelos conhecidos, não é impossível que se trate de um banco de tipo *dypros*, ainda que este tipo de equipamento seja mais frequente em contextos sepulcrais, onde terá funcionado como leito funerário, como são os casos de Medellín e Acebuchal (Jiménez Ávila, 2008), Alcácer do Sal (Schüle, 1969), Jardín (Schubart e Maass-Lindemann, 1995) e Cruz del Negro (Maier, 1999). Contudo, há pouco tempo elementos idênticos foram também identificados no Crasto de Tavarede, tendo igual funcionalidade sido proposta (Neves, 2013).

2.2.8. A fauna

A abundância de restos malacológicos no Monte Molião é comum a todas as fases de ocupação e, como é evidente, relaciona-se com a localização e implantação do sítio. Na Idade do Ferro, época em que

o assoreamento da foz da ribeira de Bensafrim tinha proporcionado um estuário abrigado, protegido por barreiras arenosas, de tipo sapal, domina de forma muito expressiva, a *Cerastoderma edule* (Detry e Arruda, 2013).

No que se refere aos mamíferos, o porco doméstico e os ovicaprinos são as espécies mais bem representadas, ainda que os bovinos também estejam presentes de forma significativa (*Ibidem*). A actividade cinegética foi prática comum, o que ficou demonstrado pela presença de cervídeos e coelhos bravos, e ainda de alguns dos porcos, que poderão corresponder a javalis (*Ibidem*). Os escassos restos de cão doméstico poderão juntar-se a este grupo, até porque apenas um possuía marcas de corte que indicam o seu consumo, pelo que os restantes podem ter sido utilizados na caça (*Ibidem*).

3. Considerações finais

O sítio do Monte Molião corresponde a uma ocupação tardia no quadro da Idade do Ferro do sul do território português. Este momento, que parece situar-se no último quartel do séc. IV a.n.e., evidencia uma intensificação da ocupação humana da costa algarvia. Não só o Monte Molião foi fundado nesta fase, mas também Faro, na área central do Algarve, apresenta materiais que consolidam a proposta de uma fundação coeva. Paralelamente, outros locais previamente ocupados, como é o caso de Castro Marim (Arruda, 1999-2000, 2000; 2001, 2005, 2008, Arruda e Freitas, 2008), Tavira (Maia 2007) e do Cerro da Rocha Branca (Gomes 1993), parecem demonstrar uma acentuada vitalidade comercial neste período, direccionada, particularmente, para a metrópole gaditana.

O modelo de implantação de Monte Molião apresenta paralelismos acentuados com o dos outros núcleos da costa do Algarve. Corresponde a uma implantação em altura, numa colina destacada na paisagem, localizada junto à costa e na margem de um curso fluvial, a Ribeira de Bensafrim. Estes critérios geográficos dotaram o local com um amplo domínio visual da área envolvente, de grande facilidade de acesso a recursos marinhos e a vias de comunicação naturais.

Os dados obtidos através da análise do conjunto do Monte Molião evidenciam uma quantidade surpreendente de materiais proveniente da área da Cádiz, quer ao nível dos contentores anfóricos, da cerâmica de mesa e da própria cerâmica comum. As produções locais, exclusivas

da cerâmica comum, parecem limitar-se a reproduzir formas de uso corrente, como é o caso das tigelas de perfil hemisférico e dos potes e/ou panelas, possivelmente destinados ao uso de cozinha.

É também na área do estreito que encontramos os melhores paralelos para a «arquitectura rupestre» que foi identificada no sítio. De facto, em Silla del Papa (Moret *et al.*, 2008) a mesma técnica construtiva foi aparentemente documentada em momentos do final da Idade do Ferro, técnica que, contudo, não parece ser frequente neste momento, ainda que o talhe ocasional da rocha para assentar alicerces não seja inédito em vastos espaços e em muitos tempos. De qualquer modo, o que parece raro é a planta dos compartimentos ser totalmente escavada no afloramento, como é o caso das estruturas de Monte Molião e dos sítios do entorno de Cádiz.

Estas evidências permitem constatar uma profunda ligação entre o sítio algarvio e a área do Estreito durante a sua ocupação sidérica.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A. M. (1999-2000) – *Fenícios en Portugal. Cuadernos de Arqueología Mediterránea*. Barcelona.
- ARRUDA, A. M. (2000) – As cerâmicas de importação do Castelo de Castro Marim no âmbito do comércio Ocidental dos séculos V a III a.C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Servicio de publicaciones de la Universidad de Cádiz, p. 727-735.
- ARRUDA, A. M. (2001) – Importações púnicas no Algarve: cronologia e significado. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente (Actas do colóquio Internacional – Outubro de 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 69-98.
- ARRUDA, A. M. (2005) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*, 4, 23, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M. (2007) – *Laccobriga: A ocupação romana da Baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal.
- ARRUDA, A. M. (2008) – O Baixo Guadiana durante os séculos VI e V a. n. e. In *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época postorientalizante*, J, Jiménez Avila (ed.), *Anejos de AEspA*, XLVII, Madrid: CSIC, p. 307-325.
- ARRUDA, A. M. e FREITAS, V. T. (2008) – O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e. In *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época postorientalizante*, J, Jiménez Avila (ed.), *Anejos de AEspA*, XLVII, Madrid: CSIC, p. 429-446.
- ARRUDA, A., SOUSA, E., BARGÃO, P. e LOURENÇO, P. (2008) – Monte Molião (Lagos) – Monte Molião: Resultados de um projecto em curso. *XELB*, 8, p. 161-192.
- ARRUDA, A. e PEREIRA, C. (2010) – Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a época romano-republicana. *XELB*, 10, p. 695-716.

- ARRUDA, A., SOUSA, E. e LOURENÇO, P. (2010) – A necrópole romana de Monte Molião (Lagos). *XELB*, 10, p. 267-284.
- ARRUDA, A., VIEGAS, C. e BARGÃO, P. (2010) – A produção local de cerâmica comum em Monte Molião (Lagos). *XELB*, 10, p. 285-304.
- ARRUDA, A. e SOUSA, E. (2013) – As ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). *Spal*, 22, p. 101-141.
- BARGÃO, P. (2008) – Intervenção de emergência na Rua do Molião: primeiras leituras. *Xelb*, 8, 1, p. 169-190.
- BENDALA GALÁN, M.; ROLDÁN GÓMEZ, L.; BLÁNQUEZ PÉREZ, J.; MARTÍNEZ LILLO, S. (1994) – Proyecto Carteia: Primeros resultados. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 21, p. 81-116.
- CARRETERO POBLETE, P. A. (2003/2004) – *Las ânforas tipo “Tiñosa” y la explotación agrícola de la Campiña Gaditana entre los siglos V y III a.C.* Tesis Doctoral Inédita. Universidad Complutense de Madrid.
- DETRY, C. e ARRUDA, A. M. (2013) – A fauna da Idade do Ferro e época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15, p. 215-227.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2008) – Grapas y charnelas de *diphroi*. In ALMAGRO-GORBEA, M. (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos*. Madrid: 542-552.
- GOMES, M. (1993) – O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais (Os fenícios no território português)*, 4, p. 73-107.
- KBIRI ALAOUI, M. (2007) – *Revisitando Kuass (Asilah, Marruecos)*. *Talleres cerámicos en un enclave fenício, púnico y mauritano*. *Sagvntvm Extra*. 7.
- LAMBOGLIA, N. (1952) – Per una Classificazione preliminare della cerâmica campana. In *Atti del I° Congr. Intern. Di Studi Liguri* (Bordighera, 1950), Bordighera, p. 139-206.
- MAIA, M. (2007) – La pesca, a actividade conserveira e as ânforas de Tavira. In *Historia de la pesca en el ámbito del Estrecho. I Conferencia Internacional*. Cádiz, 1, p. 455-488.
- MAIER, J. (1999) – La necrópolis tartésica de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla), ayer y hoy. *Madriider Mitteilungen*, 40, p. 97-114.
- MORENO MEGÍAS, V. SÁNCHEZ SOTO, P. J., GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J.; RUIZ CONDE, A. (no prelo) – Caracterización mineralógica y fisico-química de las imitaciones de vajilla Tipo Kuass en el valle del Guadalquivir.
- MORET, P., MUÑOZ, A., GARCÍA, I., CALLEGARIN, L. e PRADOS, F. (2008) – El oppidum de la Silla del Papa (Tarifa, Cádiz) y los orígenes de Baelo Claudia. *Aljaranda*, 68, p. 2-8.
- NEVES, S. (2103) – *O Crasto de Tavarède (Figueira da Foz) no quadro das problemáticas da I Idade do Ferro no Baixo Mondego*. Coimbra (Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra. Inédita).
- NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS, A. M. (2000) – La cerámica roja gaditana de tradición griega (tipo Kuass). Estado de la cuestión. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular: Proto-História da Península Ibérica*. Porto: A.D.E.C.A.P. 5, p. 373-388.

- NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS, A. M. (2003) – *Las Cerâmicas Gaditanas “Tipo Kuass”*. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica. Cádiz: Universidad.
- PELLICER, M. (1978) – Tipología y cronología de la ánforas preromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla), *Habis* 9, p. 365-400.
- PELLICER, M. (1982) – Las cerâmicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronología según el Cerro Macareno (Sevilla). In Niemeyer, G. H. (ed.) *Phonizier im Western*. Madrider Beitrage 8. Mainz: Philipp v. Zabern, p. 371-402.
- PEREIRA, A. R.; DIAS, J. M.; LARANJEIRA, M. M. (1994) – *Contribuições para a geomorfologia e dinâmicas litorais em Portugal*. Centro de Estudos Geográficos. Rel. n.º 35, p. 75-89.
- RÁMON TORRES, J. (1995) – *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*. Barcelona: Universitat.
- SÁEZ ROMERO, A. (2005) – Aproximación a la tipología de la cerâmica común púnico-gadirita de los ss. III-II. *Spal*, 14, p. 145-177.
- SÁEZ ROMERO, A. (2008) – *La producción cerâmica en Gadir en época tardopúnica (siglos III/I)*. Torre Alta: Balance de la investigación y novedades histórico-arqueológicas. BAR, Internacional series.
- SCHUBART, H. & MAASS-LINDEMANN, G. (1995) – Informe de las excavaciones en la necrópolis de Jardín (Vélez-Málaga, Málaga). *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, 1, p. 57-213.
- SCHÜLE, W. (1969) – *Die Meseta-kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlim: Walter de Gruyter.



FIG. 1 – *Localização de Monte Molião, Lagos (Portugal).*



FIG. 2 – Enquadramento do sítio arqueológico (fotografia aérea).

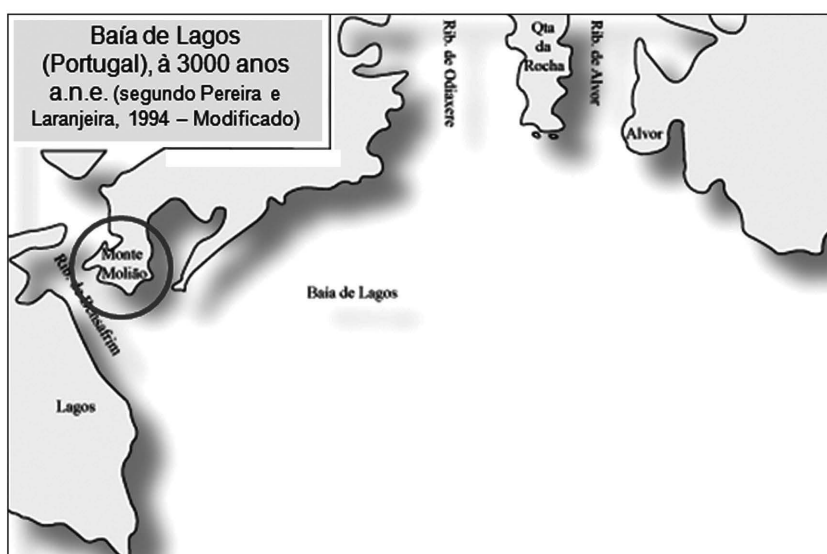


FIG. 3 – Baía de Lagos (Portugal) há 3000 anos a.n.e., segundo Pereira e Laranjeira, 1994 – Modificado.



FIG. 4 – *Localização dos sectores intervencionados.*

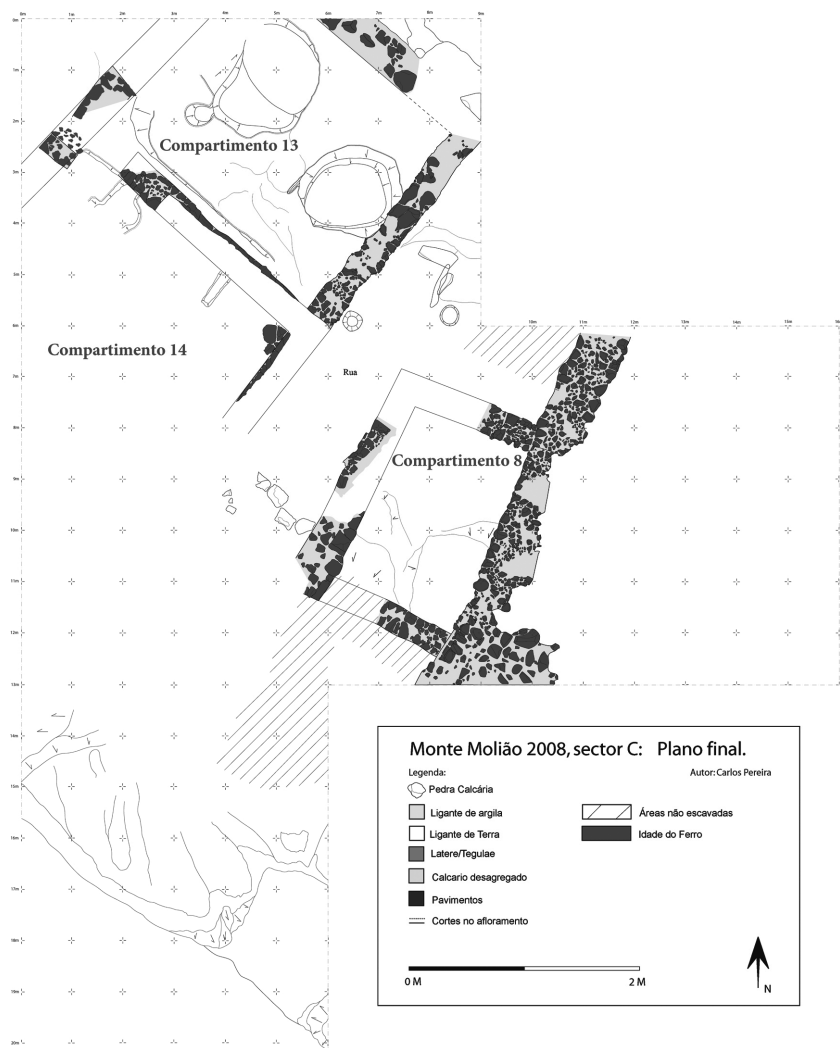


FIG. 5 – Estruturas da Idade do Ferro identificadas no sector C.

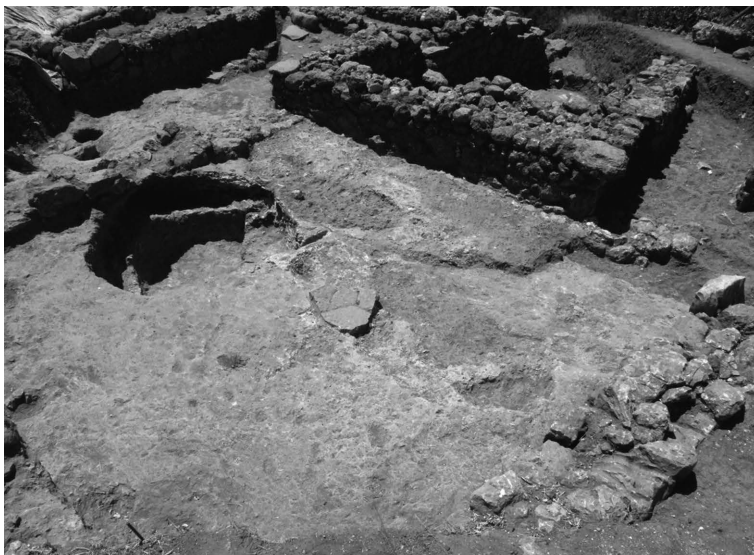


FIG. 6 – *Técnicas construtivas dos pavimentos no sector C, compartimento 13.*



FIG. 7 – *Estruturas negativas que podem ter sido utilizadas como silos de armazenamento.*



FIG. 8 – *Lareira identificada na área Sul do compartimento 13.*



FIG. 9 – *Estruturas da Idade do Ferro identificadas no sector B.*

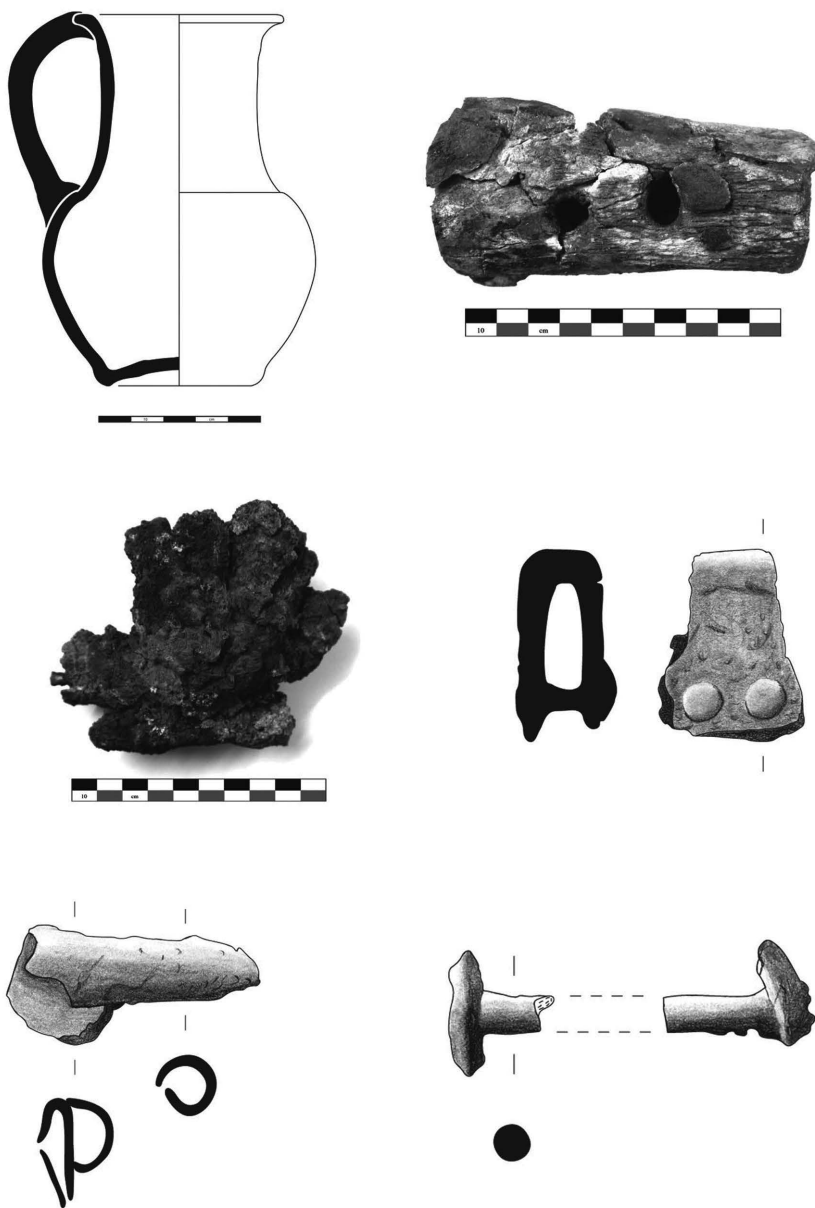


FIG. 10 – *Materiais provenientes de um depósito votivo/fundacional associado aos momentos iniciais da ocupação do sítio.*

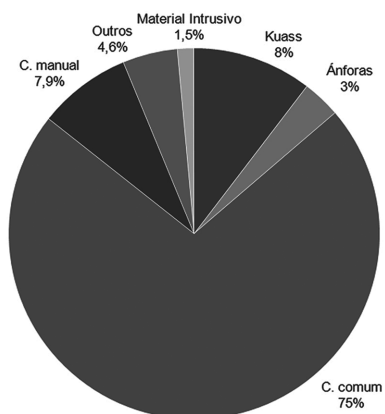
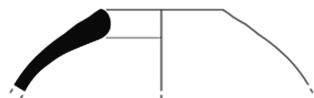


FIG. 11 – Distribuição percentual dos materiais da Idade do Ferro recolhidos em Monte Molião.

Mañá Pascual A4 | T - 12.1.1.1/2



D de Pellicer



Tiñosa | T- 8.1.1.2



Carmona | T - 8.2.1.1



FIG. 12 – Os diferentes tipos anfóricos identificados no sítio.

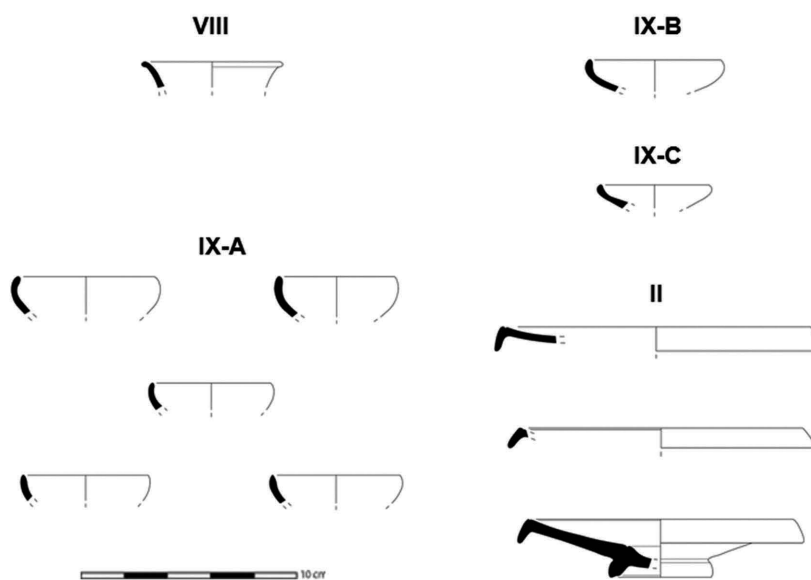


FIG. 13 – A cerâmica de tipo Kuass e sua distribuição formal.

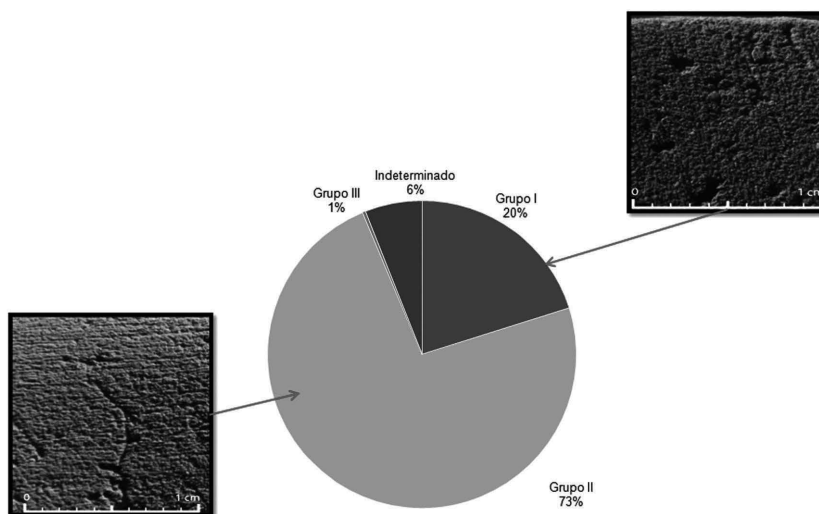


FIG. 14 – Distribuição percentual da cerâmica comum por tipos de fabrico.

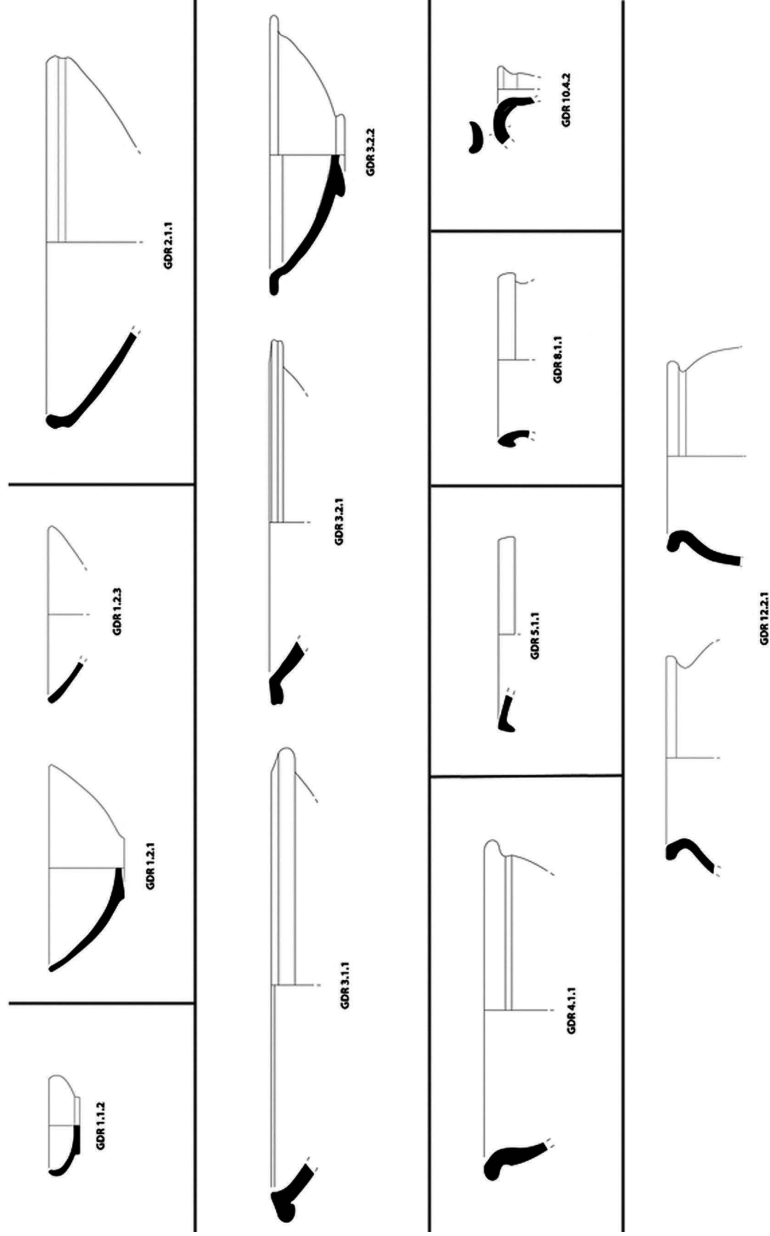


Fig. 15 – A cerâmica comum e disposição formal correspondente.

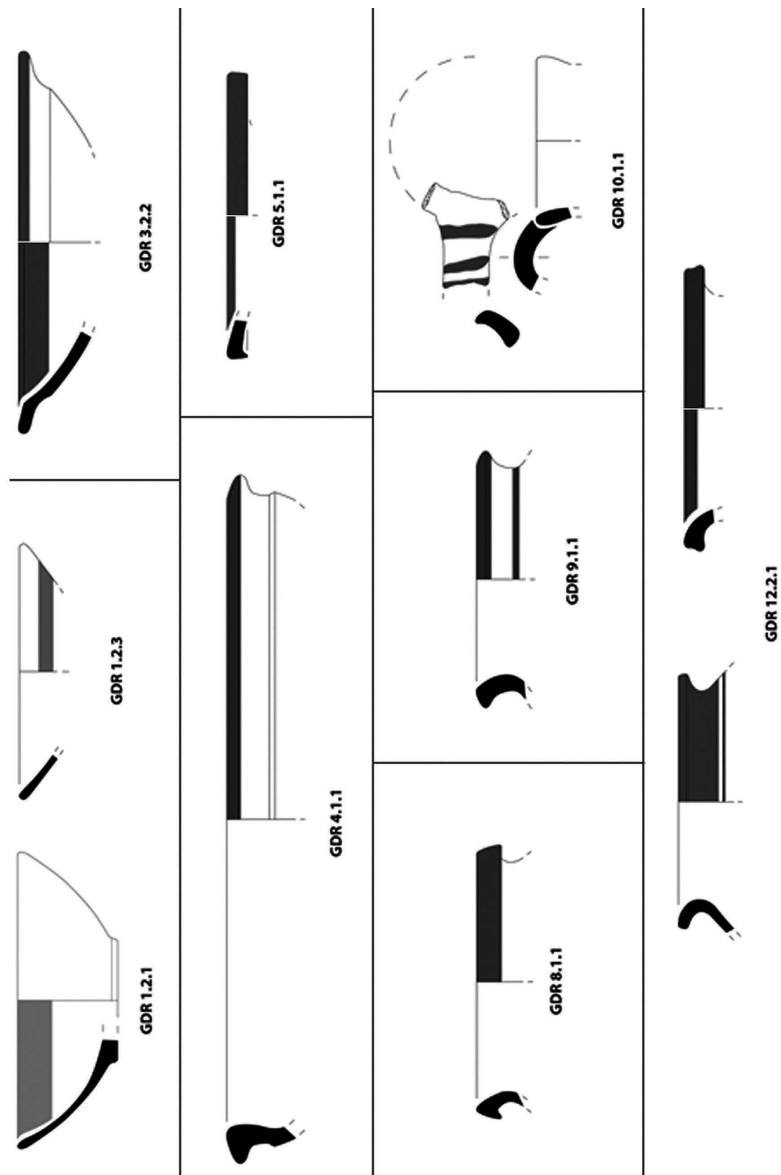


FIG. 16 – A cerâmica pintada e as formas identificadas.

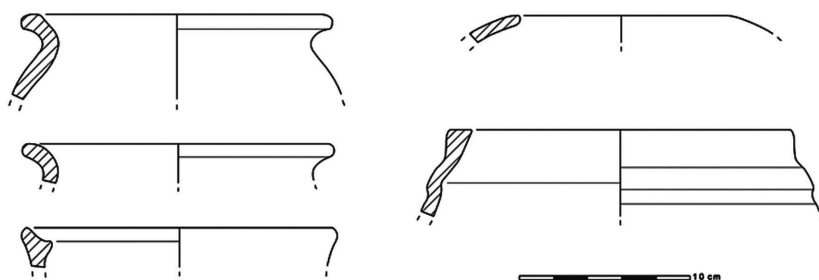


FIG. 17 – *A cerâmica manual.*

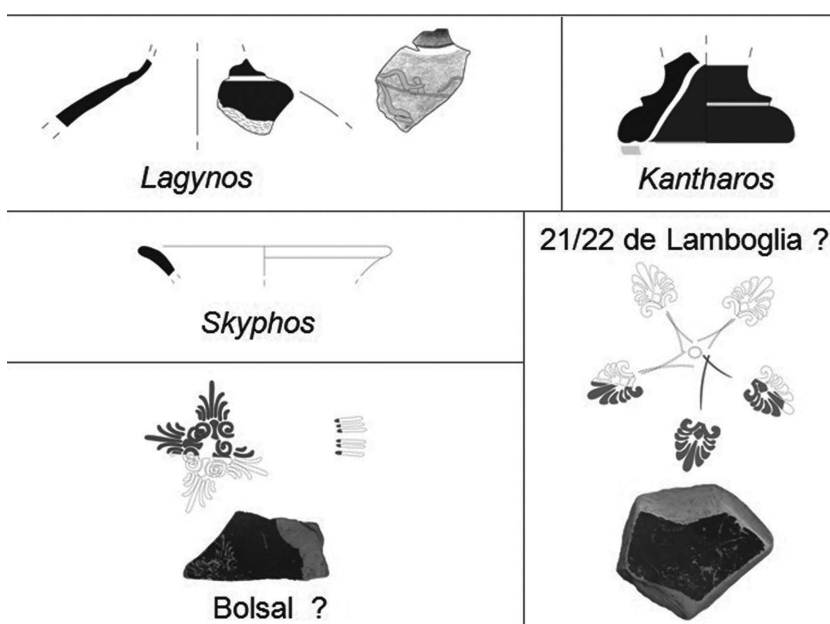


FIG. 18 – *A cerâmica grega em Monte Molião.*

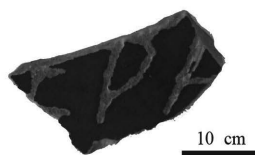


FIG. 19 – *Fragmento de cerâmica grega com caracteres gregos incisos.*

Apoio: Banco Santander

